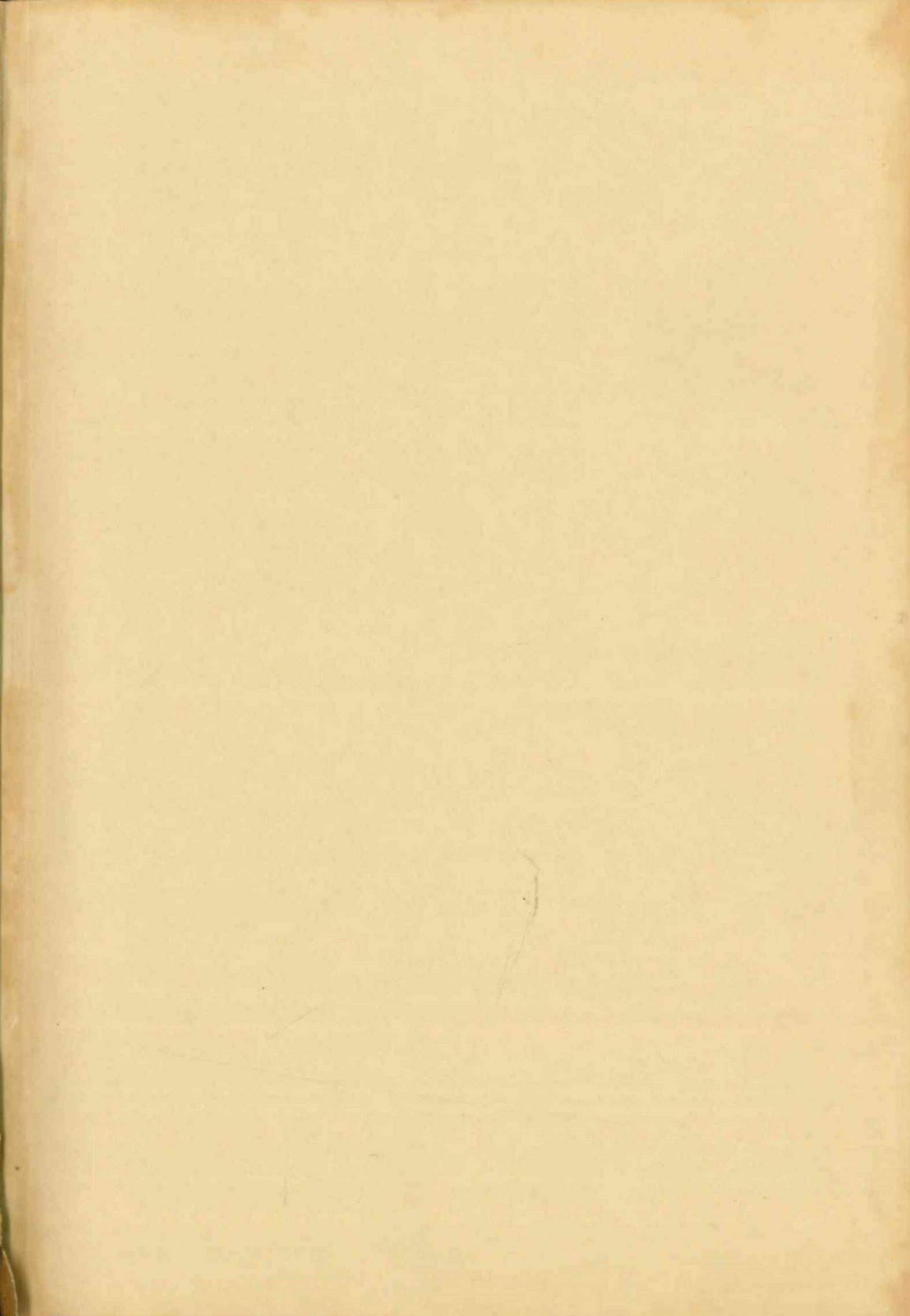
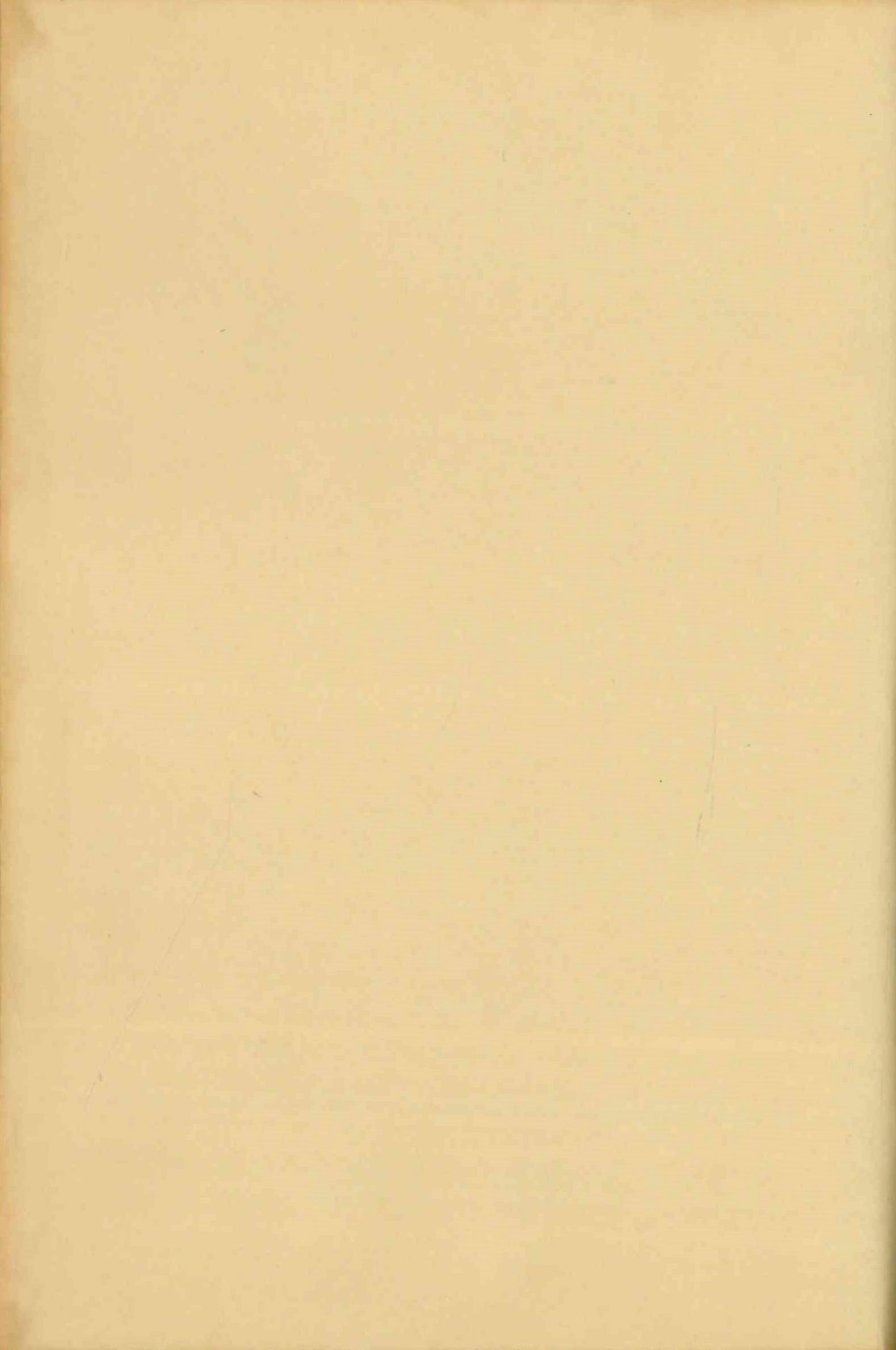




8(469.12)







Collecção Silva Vieira

---

FOLK-LORE  
LANHOZENSE

POR

Albino Bastos

1896-1898



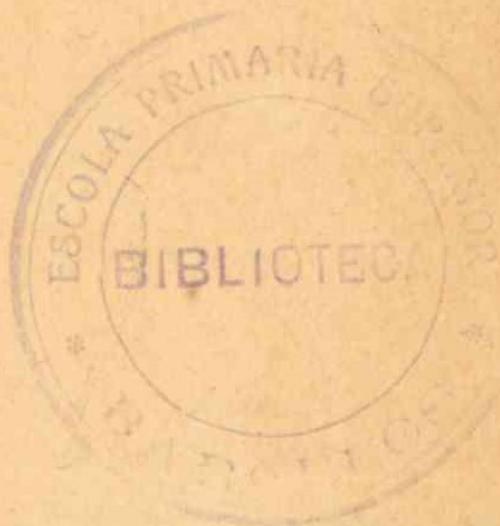
Typ. Espozendense  
Espozende  
1903

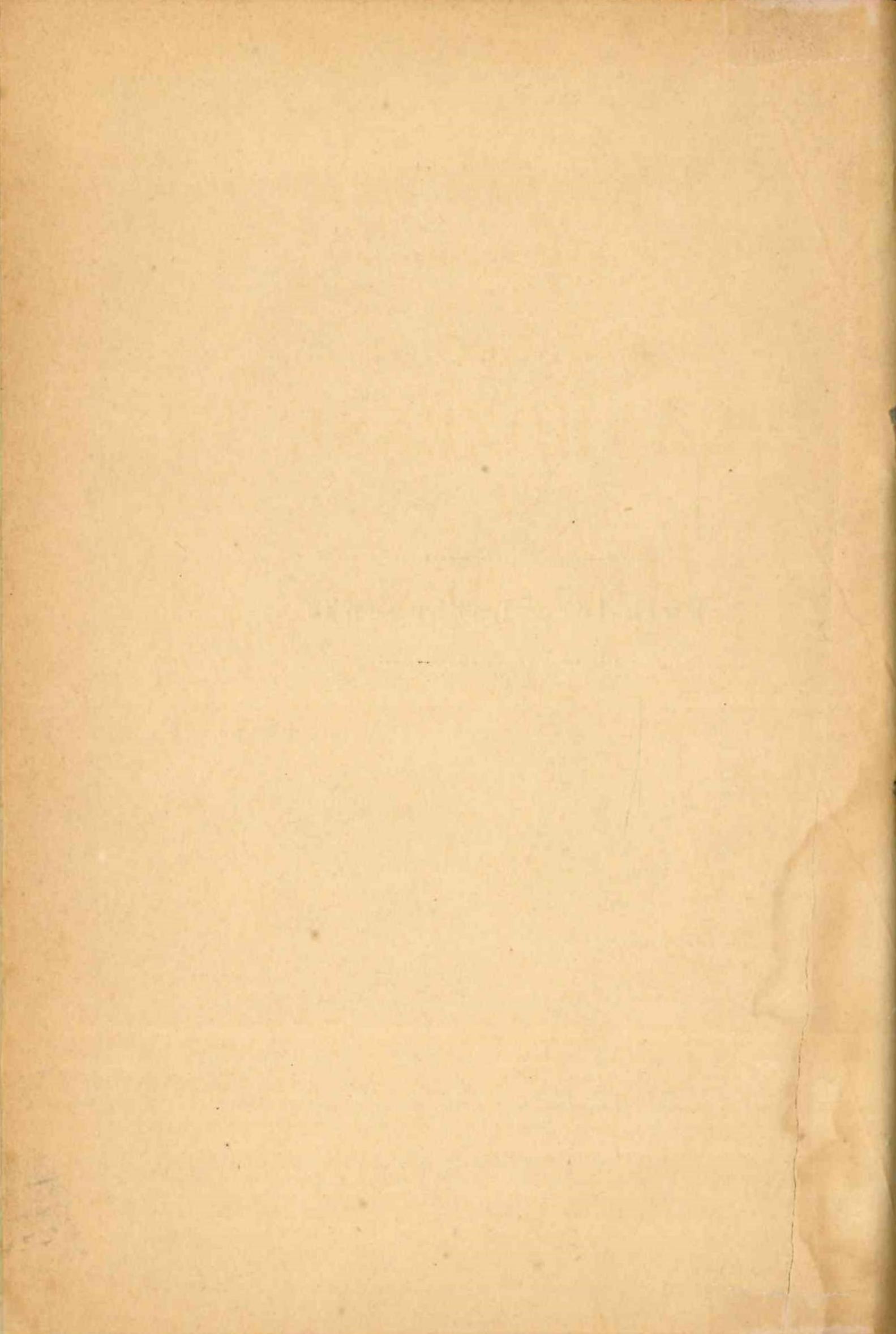


Volume offerecido á Biblioteca da  
Escola Primaria Superior de Barce-  
los, por José da Silva Vieira.

Esposende, 5-12-22.

-----  
Folk-lore Lanhovense  
-----





Collecção Silva Vieira

---

FOLK-LORE  
LANHOZENSE

POR

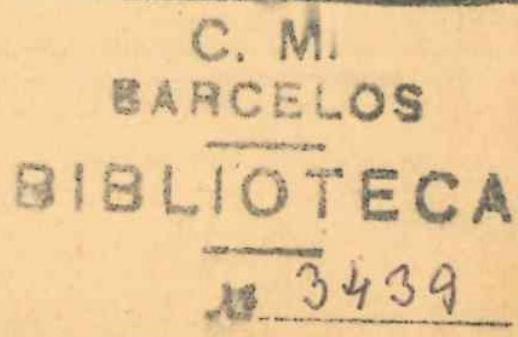
Albino Bastos

1896-1898



Typ. Espozendense  
Espozende  
1903

PLA. 4-11



Barcelos  
Portugal



# SOBRE O JOELHO

Ao Ex.<sup>mo</sup> Snr. Dr: Theotonio  
Rebelo Teixeira d'Andra-  
de e Castro.

---

Quem respeitar a nobreza de sentimentos não pode deixar de prestar homenagem a este character honesto como a virtude, de respeitar este nome invejavel como uma aureola de gloria, por todos os que amam o cavalheirismo e a solidariedade moral.

A rara affabilidade do trato que o distingue, a polida maneira empolgante da sua apresentaçāo p'ra logo nos attiache e, pode dizer-se, que sabe transformar os conhecidos em amigos.

A bondade que se exhala das suas palavras com o delicado aroma d'uma violeta em manhã fimbriada de lus aurēa, deixam-nos

ver a sua alma adamantina norteada por um alto ideal de justiça.

N'uma terra, onde o punhal da traição, afia a lâmina insidiosa no rebolo da inveja p'r'apunhalar a reputação de todos aqueles que não dançam o *can-can* da Infamia, n'uma orgia proterva, com esses polaqueiros de crânio asymmetrico, phisionomia mongoloide, que arrastam p'la crapula os ultimos lampejos da dignidade, ainda ha corações evangélicos, onde a dignidade tem altares improfanaveis.

O ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Theotonio, da ilustre casa do Recovello, apesar de ser, entre nós, o político mais considerado, de maior envergadura moral e mais rico de bens de fortuna, não procura soerguer-se ás iminencias do mando.

Neste começo de seculo que o dinheiro reassumiu a velha influencia dos tempos pagãos, sua ex.<sup>a</sup> podia vingar-se d'esses digitrigrados ulcerosos, famigerados pandilhas, que se prestam a maravilha p'ra exhibição d'um quadro n'um calvario do Pilar, mas não o faz,

por que a isso se oppõe a sua bella Alma.

O dinheiro de Chrystovam de Moura teve mais força que a espada do Duque d'Alva. E o de sua ex.<sup>a</sup>, se estivesse nas mãos de certo bonifrate, com pertenções a figurino lovelaciano, *muito apreciado á lus da ribalta d'um theatro de fantoches*, na feira da ladra em Vieira, a cabeça dos adversarios politicos, já tinha sido decepada. Sua ex.<sup>a</sup>, apezar de nascer n'um berço rendilhado doiro, bafejado p'la fortuna, não despresa os humildes, não falla aos seus inferiores com ares pedantocraticos.

Estima-os e considera-os tanto quanto elles merecem. N'isto prova a sua bondade e a sua illustração.

Firme, sem orgulhos; justiceiro sem odios e sem petulancias, apenas verbera os actos dos cathedra-lescos palermas, (cuja biographia está ensanguentada de crimes) que sejam attentatorios ás conveniencias d'esta terra.

Gosto de ver voar, e voar alto, os que teem merecimento.

Não lhes tem inveja, porque sabe que David deixou o cajado com que guardava os rebanhos do pay nos campos de Bethleem e empolgou o sceptro.

Cincinnatus largou a rabiça do arádo p'ra se sentar na cadeira de dictador entre os consules romanos.

.....  
Homens d'estes impoem-se ao meu respeito e teem a minha adoração.

*Alaino Bastos.*



# P'LOS CAMPOS

Ao Silva Vieira.

---

Na aldeia, onde a via-lactea  
tem sementeiras de lus e a aurora  
canticos d'Alegria, as rosas do So-  
nho sorriem, no seu manto cor d'-  
esperança, adoraveis de castidade  
e de ternura, a poesia rebenta da  
alma lyrica e luminosa dos sim-  
ples como os gommos da madresil-  
va.

Que admirar, pois, que aquellas  
boccas cantem versos singelamen-  
te commovidos, se a sua alma, feita  
d'um luar de esperança, vive n'-  
uma alleluia d'amores?

Essas flores soltas ao vento  
collectionei-as, e o meu amigo vae  
apanhal-as.

Faz o mais que pode e prova  
exuberamente, que o seu coração  
vive cimballado p'lo rhythmo can-

—10—

tante da poesia que tanto adora, e  
um vago sonho de amor enche de  
luar a sua alma de romantico.

Louvado seja por isso.

*Albino Bastos.*

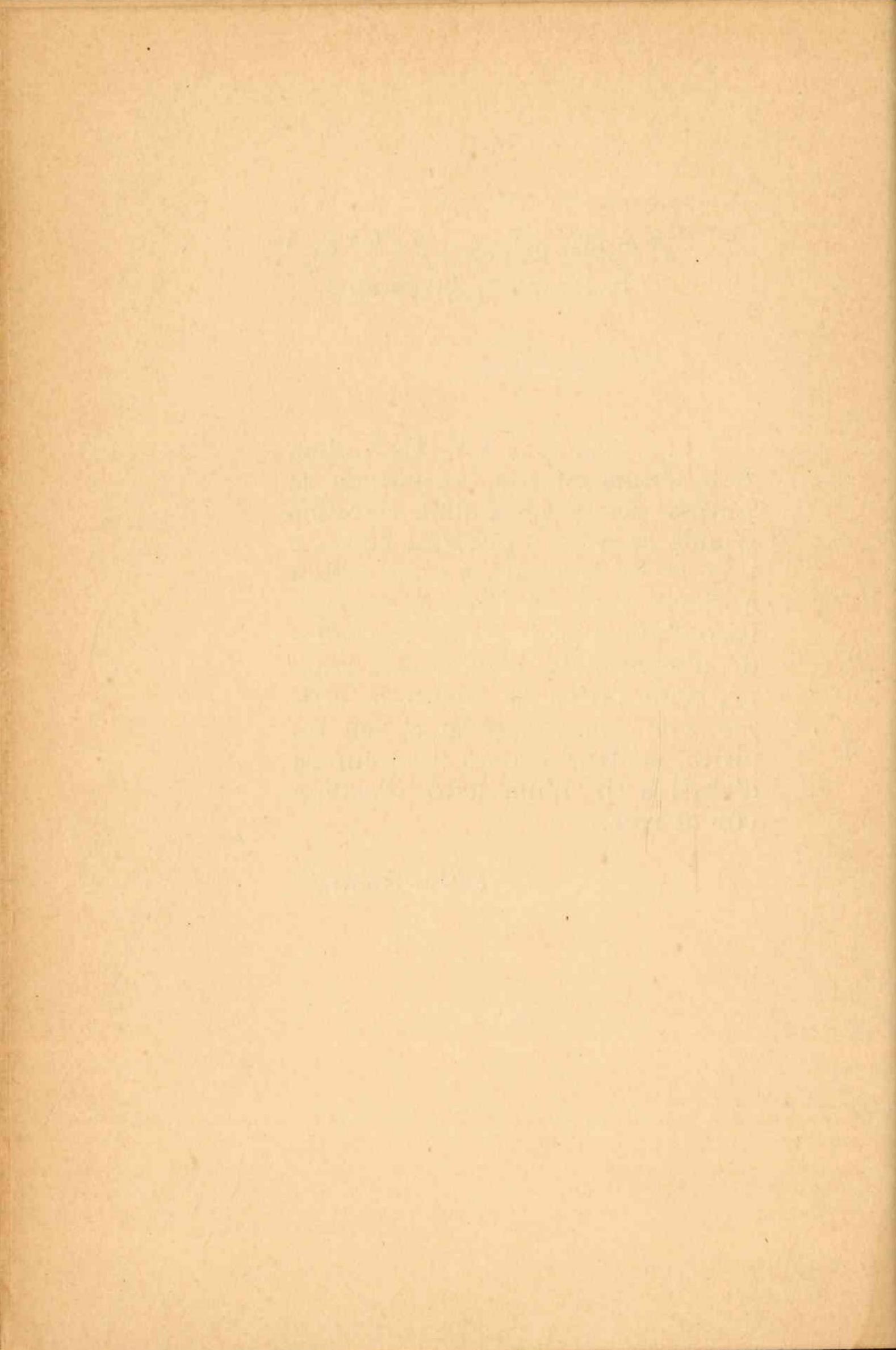


À minha prima, à Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup>  
D. Augustà dos Santos

---

.....A V. Ex.<sup>a</sup>, alma  
feita d'uma estrella, enluarada da  
purêsa dos affectos; alma vestalina  
d'onde se evola o perfume suave e  
brando da bondade, e onde reflori  
a dhalia azul da Crênça; coração  
feito d'um luar de Sonho constella-  
do d'esperanças, dedico esta pagi-  
na, como prova do quanto a esti-  
mo, e do quanto aprécio o seu es-  
pirito, brilhante como uma aurora  
d'abril a rir n'um leito d'ondina  
côr de rosa.

Albino Bastos.



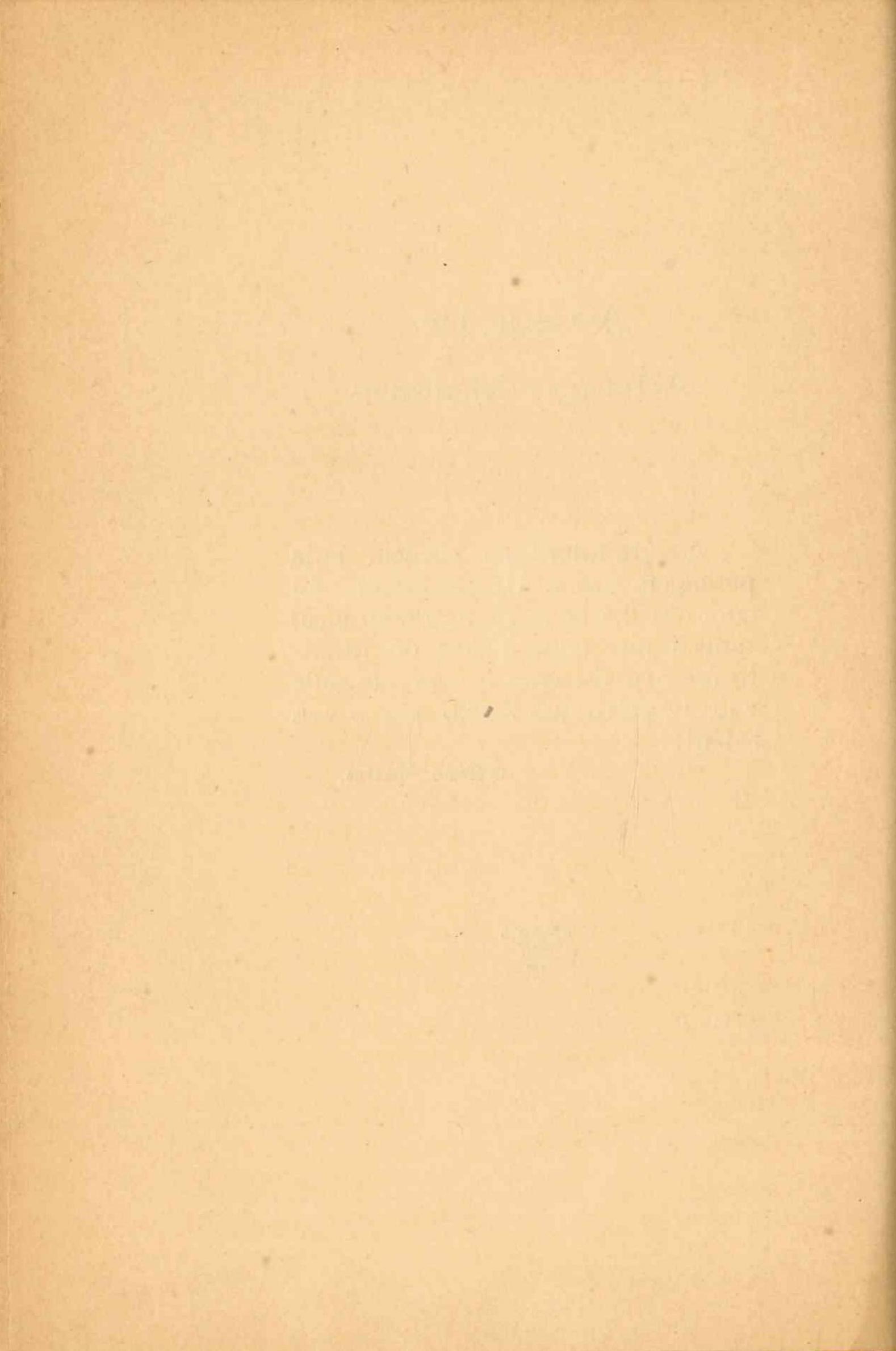
Ào sr. Dr.  
Adriano Martins.

---

A este talentoso clinico, cuja passagem por a Universidade, foi como brilhante meteoro, deixo aqui estas linhas. como prova do quanto me orgulho com a sua amisade e do respeito que tenho por o seu talento.

Albino Bastos.





## DIVAGANDO

---

O organismo tabido e endemico da sociedade enfermica e apocrypha eu auscultei um dia.

A symptomologia que me forneceu, radicalmente me fez mudar de diagnostico.

Uma horda de ciganos que a sua tenda por ahi armaram, accender querem com mão sacrilega, o rastilho da dynamite para melhor edificarem por sobre os escombros do Templo da Paz, a arena de aventureiros, o circo de acrobatas.

Esses palhaços, gemeos do Tartufo de Moliére, fammulentos de Ideal, oxidados de inveja, esforçam-se por hastear, no Zimborio venerando da Verdade, a bandeira do Embuste:—esse farrapo de escarneo com que elles clipsar pertendem a Luz cambiantina da Rasão e da Justiça.

As almas roidas de Ambição,

abarrotadas de vaidade e embrute-  
cidas pela crapula e pelo odio, ap-  
plaudem-n'os.

E não se lembrando que Deus  
fustigar pode com o chicote do re-  
morso, esses coveiros da Honra,  
rabidos traidores, lá vão no couce,  
espectorando vaias aguardentadas,  
phrases prostibulares, por entre gar-  
galhadas de Truão.

Traidores e perfidos como o Ju-  
das da Escriptura:

Traidores porque nos entregam  
a troco d'um copo de vinho pago  
na primeira bodéga; perfidos por-  
que *simulam* amizade, para nos  
cravar, como Longuinhos, no peito  
do Revolucionario da judéa, no su-  
blime Martyr que sellou com o  
precioso sangue o Crédio que apre-  
goamcs, a venenosa lança do ran-  
cor!

Para não ser como Cesar ana-  
valhado traíçoeiramente por um  
novo Bruto, perante o qual é im-  
potente o esbraseado cauterio da  
critica, visto não haver laivos de  
vergonha n'aquellas estanhadas fa-  
ces,—isolei-me.

Só a clave do Hercules, poten-

te como na caverna de Caco, exterminar podia essas víboras silvantes, corações de hyena, almas pestoadas de poltronismo, rendadas de sabojoismo doentio, contagioso.

Esta catonesca forma de sepultar em lama de viella, onde ri o vimrolento vomito da rameira silylizada, sem aspersão de pondonor a Dignidade; este aleiloar de consciências na feira das ambições, nau-seou-me.

Fiz-me ao largo.

Nas horas que das lucubrações me sobejavam, eu hia, campos em fora, conversar com a Natureza.

Alli, onde não ha o *bourdounement* dos critinos nem o bater do tear da intriga, sentia-me bem; tinha até desejos... de noivar.

O campo, quer triste como a noite da ausencia, quer alegre como um riso d'Esperança, como o olhar da rosêa Aurora fimbriada de Luz, é um grande livro de psychologia onde a minh'Alma lê! Alma, d'onde a Alegria levantou vôo, e onde, ha muito, feneceu os lirios da Crença.

Aos domingos e dias sanctifica-

dos certo era eu a haurir os ares purificados pelos risos das papoulas que se arregaçavam em canteiros graciosos e perfumisados pelas almas das açucenas desdobrando-se em perfumes.

N'aquelle socego pantheista d'um Ideal nimbado de Innocencia, os dias passava na satisfaçao de quem olvidou o latir da desvairada gentalha com aspirações a *alguma cosa*.

Alma serena como uma gondola de luar em lago de caricias, onde ha o *hastchich* dos beijos, recolhia-me a casa.

Fui-me familiarisando com esse povo, almas feitas de Pureza, almas doces como a voz de Christo quando a si chamava as loiras creancinhas, os candidos lyrios de Gallilea, até que em pouco tempo eu respeitava-os, como se fossem os sanctos da minha lithurgia.

Nos pomares, onde parece que um anjo de Deus andou a semear Auroras de noivado, a fabricar thállamos d'Amor e Biblias de Sonhos; alli, onde as avesinhas esvoaçam por entre uma orchestra de luz,

ri o amor da carne, e a brisa canta balladilhas ao Sol que se estende no seu leito de tapasios franjado a ouro fosco, enviando-nos beijos de sangue, o San Graal aca-riciava-me a Alma delluída em pranto, Alma que começava a banhar-se em luar, a beber por amphora divina toda a elegial doçura do coração das flores

Lembrava-me das ilhas bem aventureadas de que fallava o Alceu, pensava n'um idyllo petrar- chista com uma camponesa, onde á riquesa de marmore lacteo se alliam as curvas setinisadas d'uma ro- zada carnação, para segredar maguas á sombra fresca dos tanques d'agua onde o Sol desenha pla- cas de luz.

Umas trovas d'Amor, d'uma sentimentalidade, evolando-se em melodiosas espiraes, fizeram-me lem- brar, com Saudade das guitarradas ao Luar, debaixo do balcão da primeira namorada, retinindo-me na Alma como um clarão de Guer- ra.

Aquellas Pombas, de olympica ternura, pondo no canto toda a poe-

sia do seu Coraçāo, captivaram-me.

As perolas do Sentimento, que lhe cahiam dos labios, auroras constantemente a sorrir, tinham alem do Sabor da Puresa, a harmonia cantante das notas de *Bethoven*.

Anacarada barca do sonho trouxe-me, como um calix de affectos, a eucarestia da Esperança.

Amei essas flores e collecionei todas as quadras que me suggestionaram e atirei com ellas para o hebdomadario bracarense «O Combate».

Aquelles que sabem adorar o que é Bello, com insistencia me pediam para que completasse esse rosario de Sons, por onde essas rosas de purpura, peroladas de Graça com irisiações de Candura, ressam a missa do Amor.

Como a poesia é a hostia do meu culto, e a Arte o meu Templo, essas quadras banharam-se a Alma d'uma candidez açucenal, e dei-lhe a amisade.

Agora que o sr. Silva Vieira, meu amigo, incansavel collecionador reunil-as vae em volume, para

com ellas enriquecer o nosso jardim litterario, eu declaro-lhes, que o seu nome ficará tão indelevelmente no nosso coração, como se fosse gravado por mão de Mestre grego em bronze de Coryntho.

E' que o poeta tem tanto Amor às suas poesias, como o pae aos seus filhos. E, se estas não são minhas, identificam-se.

Algumas quadras teram pae espiritual, mas o povo, que é reformador, passando-as por novo crysol, deu-lhe uma feição muito diferente, mostrando assim que conhece a musica do verso, e que é poeta.

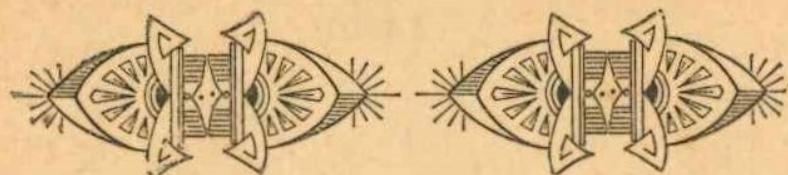
Ha outras que elle facetou nas officinas do pensamento, tam cheias de luz e tam rythimicos, que dariam reputação a desenas de vates.

.....  
Se o Bello é o explendor da Verdade, como o definiu Platão; se o Sentimento, como diz Lamartine, é a Alma da poesia, se a poesia como escreveu Alves Mendes, é a potencia creadora da Alma, a propria Alma encarnada na forma ingenita da ideia--na palavra, esta

Biblia doiro, com versiculos de sonhos, é a mais perfeita expressão do sentir d'um Povo.

Albino Bastos.





1

Já foram estrellas d'ouro  
Os olhos da minha amada,  
Agora não são estrellas  
Não são olhos não são nada.

2

Os teus olhos são meus olhos  
Tú és a minha doudice;  
Roubaram-me os teus affecto  
Quero-te bem já t'o disse.

3

Os meus olhos coitadinhos  
Namorados são dos teus,  
Se é crime ter amores,  
Criminosos são os meus.

4

Amo uns olhos negros negros;  
Tão negros como g tiné,  
Por serem tão requestados  
Eu n'elles não tenho fe.

5

Quero um recado menina  
É mais não é de costura,  
Quero-lhe só perguntar  
Se o mal d'amores tem cura.

6

O mal d'amores tem cura  
Males d'Amor cura tem,  
Que eu já tive mal de amores  
E não m'os curou ninguem.

7

Dava-te o meu coração  
Se o pudesse arrancar,  
Se o arranco sei que morro  
Morta não posso amar.

8

Fiz excessos por amar-te  
Outro fim te mereceu,

Fui, è certo, desgraçado  
Mas que culpo tenho eu.

9

Para mim ha só uns olhos  
Em que eu sei acreditar  
Quer n'um sorriso me fallem  
Quer em prantos a chorar.

10

Estes olhos que eu mais amo,  
Nos que tenho devoção,  
Meu thesouro, minha vida,  
São negros como carvão.

11

Roubei-te um beijo, não digas  
A ninguem que sou ladrão,  
Foi somente um beijo d'Alma  
Que eu guardo no coração.

12

Fui em frente d'um juiz  
E fallei-lhe d'esta sorte:  
—Se é crime ter amores  
Então mereço a morte.

13

Se os beijinhos espigassem  
Como espiga o alecrim,  
A cara das raparigas  
Era um perfeito jardim.

14

Tu eras a pura esperança  
Das flores castas do céo,  
Hoje quebras-te o encanto  
Nas lagrimas d'um Adeus!

15

Nas veias o sangue esfreia,  
O coração não descança,  
Apenas trago á lembrança  
A minha antiga alegria.

16

Calca aos pés a hypocrisia  
Conserva amor em teu peito,  
E' crime ser insensivel  
Ter amor não é defeito.

17

Lindo joven, meu amor  
Mui breve corre a estação,  
Antes, pois, que tarde seja  
Presta ao amor teu coração.

—27—

18

Do amor os doces grilhões  
Já cravados em meu peito,  
Fazem-me beijar sujeito  
Dous formosos corações.

19

Meu amor se não te amo  
Seja um ente sem ventura  
As ondas do mar revolto  
Sejam minha sepultura.

20

Esqueces-te o amor jurado  
Ao mais terno coração,  
Deixas-te-o ao abandono,  
Na mais negra solidão.

21

De dia vejo os teus olhos  
Alegremente a sorrir  
A' noite vejo-te em sonhos  
Que me não podem mentir.

22

Conheceu a ingratidão  
O meu peito amargurado,

E que soffresse calado  
Disse-lhe o meu coração.

Do meu rival um sorriso  
O teu amor esqueceu,  
D'esde então me abandonaste,  
Mas que culpa tenho eu.

Casada nunca eu fora,  
Solteira duzentos annos;  
Casada cheia de filhos  
Solteira cheia de enganos.

Seu soubesse que voando  
Alcançava o que desejo,  
Mandava fazer as azas  
Que as penas são de sobejo.

Venho hoje de Coimbra  
De aprender a cerurgião,  
Para sangrar as meninas  
Nas veias do coração.

As tuas ingratidões  
Sei que sempre sofrerei,  
Mas os meus dias penosos  
Em breve os acabarei.

A venus pediu esmola  
Um dia, a um pobre ancião,  
Mas a deusa respondeu-lhe:  
Tenha paciencia irmão.

Isto não é avareza,  
Nem falta de caridade,  
E' que n'esta confraria  
Só se attende á mocidade.

Eu nunca ponde encontrar  
Firmeza n'uma mulher,  
Não me canço mais por ellas,  
Tenha amores quem quizer

Eu detesto o teu amor  
Bem no podes conhecer,  
Es... feia, não tens encantos  
Com que me possas prender.

—30—

32

Eu vim ao mundo chorando,  
A chorar hei-de viver,  
Quando deixar de chorar  
Estou prestes a morrer.

33

Quando vejo um carangueijo  
Caminhando em sancta paz,  
Julgo ver minha ventura  
Que só an...a para traz.

34

Costumei-me a rir das Bellas  
Por ser o que ellas merecem,  
E ainda me fica riso  
P'ra mais mulheres que ouvessem.

35

Tens morena um mau costume  
Que muito me faz penar:—  
E' tú fugires da porta  
Quando eu vou a chegar.

36

Eu se da porta me tiro,  
Não será por não gostar,

Será, sim, p'ra que o mundo,  
Nunca tenha que failar.

37

Se as lagrimas fossem pedras  
Como as que tenho chorado  
Mandava fazer castellos  
No meio do mar salgado.

38

A porta do meu amor  
Já se joga a laranjinha,  
Eu conheço o meu amor  
Pelo nó da gravatinha.

39

Meu amor se te não amo,  
Um passo não chegue a dar,  
A mesma terra que piso  
Me não chegue a sepultar.

40

Quem tiver olhos azues  
Faça o favor de m'os dar,  
Olhos azues são constantes  
São difficies de encontrar.

41

Alegres cantam as aves  
N'esses viçosos raminhos  
Só o meu coração suspira  
Cercado de mil espinhos.

42

Para encontrar um remedio  
Do amor na cruenta guerra,  
Não ha mais que por de meio  
Muito tempo e muita terra.

43

Quem se ajoelha a teus pés  
Como que vem confessar  
Se tivesse outros amores  
Não te vinha procurar.

44

Apalpei o lado esquerdo  
E não achei meu coração,  
De repente me lembrou  
Que estava na tua mão.

45

Quem me dera ser retroz,  
Ou linha da mesma côr  
Para andar junto ao teu peito  
Servindo de atacador.

=33=

46

Fui aos pés do confessor  
Ordenou-me que te esqueça  
Tem de certe o padre cura  
Desarranjo na cabeça.

47

Inda hontem 'stive ouvindo  
Num leilão a apregoar  
As juras que a mulher faz,  
Mas ninguem as quiz comprar.

48

Eu audei de cova em cova  
Com cuidado perguntando:  
Onde encontrarei mulher  
Que tenha morrido amando.

49

De tantas campas apenas  
Escutei de dentro d'uma:  
— Homens encontro aos mil  
Mulheres não encontro uma.

50

Lembras-te quando disseste  
Em certa conversaçao,

—34—

Oue os montes se mudariam  
Mas tuas palavras não!

51

O que de novo succedeu  
Não foi novo para mim,  
Os montes não se mudaram  
Mas as tuas fallas sim.

52

A mulher como a cereja  
O mesmo cuidado quer,  
Se a tempo não são colhidas  
Nem cerejas nem mulher.

53

Queria antes ver-te morta  
N'nm coche á porta da rua  
Do que no volver do tempo,  
Ver outro chamar-te sua.

54

Assim ficavas vivendo  
No coração do Teu Bem  
E já que de mais não fôras  
Não eras de mais ninguem.

A primavera nascendo  
Sem uma flor para abrir,  
Coitada vae, uima esmola  
De porta em porta a pedir.

Tem tu dó do pobresinho  
E da-lhe prenda tão rara;  
O botão que tem na bocca  
As rosas que tens na cara.

Mandas-te-me perguntar  
Se ainda te quero bem,  
Eu mandei-te responder:  
—Isso que duvida tem.

Quem quizer comprar procure,  
Que em eilão se arremata,  
O meu pobre coração  
Que m'o roubou uma ingrata.

De roda d'aquella arvore,  
Que de gente anda na lucta,

Alguns por causa da sombra,  
Outros por causa da fructa.

60

A' conquista d'uma praça  
Contente me dirigia  
Mas dei defronte com outro  
A assentar a bateria.

61

O' estrella, luz ingra'a,  
Secretaria do meu peito  
Dá remedio aos meus males  
Que eu morro por teu respeito.

62

Eu escrevi a Cupido  
E mandei-lhe perguntar  
Se o coração offendido  
É obrigado amar.

63

Cravo roxo é sentimento  
Eu bem sentido estou  
Meu coração não me manda  
Querer a quem me deixou.

64

Quem do meu peito saiu  
Grande delic' o causou  
Não venhas com fallas doces  
Que quem saiu não entrou.

65

Eu já fui o teu amor  
Agora já o não sou  
Se ainda te *voto* os olhos  
Foi geito que me ficou.

66

Eu já fui o teu amor  
No tempo da primavera;  
Já te servi de fastio  
Quem o teu allivio era.

67

Nossos corações nasceram  
Para um do outro ser,  
Ninguem tente separal-os  
Porque é vel-os morrer.

68

Eu hei-de mandar fazer  
Um castello com dois muros

Para fecher os teus olhos  
E ainda os não dou por seguros.

Donde vaes ó pensamento  
Torna atraç que vaes errado  
Não vas dar as tuas fallas  
A quem te traz enganado.

Cazae-me meu pae cazae-me,  
—Minha filha, não tens roupa,  
Casae-me meu pae casae-me  
Que uma perna tapa a outra.

Todo o homem com dinheiro  
Tem amores com fartura,  
Porem se chega a ser pobre  
Nenhuma mais o procura.

São horas de ver-te, são?  
E vaes a passeio?—vou  
Ainda tens medo?—Não  
E dás-me o teu braço? dou.

O amor é um tal segredo  
De tão diverso sentir  
Que a ninguem até agora  
Inda o pode definir.

74

E' tristeza, e alegria  
E' magua prazer e Dôr,  
Amor não é outra coisa,  
E amor e somente amor.

75

Tas tuas mudanças tantas,  
Nem se quer ne lembro já  
Que eu pago tal mudança  
Com um despeso, vê lá.

76

Uma pena só me resta  
E com ella me definho,  
As tuas traições esqueço  
Mas não esqueço o teu carinho.

77

No cemiterio passei  
Nem sei que me lá levou.  
—Uma voz ouvi dizer:  
Por tua cauza aqui estou.



—40—

78

Logo que entraste na egreja  
Mais caridade lhe deste,  
Era um tapete de flores  
O lugar onde estiveste.

79

Fui um dia ao cemiterio  
Sahi a chorar de dó,  
Uma voz ouvi dizer:  
Não me deixes ficar só.

80

Uma filha perguntava  
A mãe com certo fervor;  
—Que vem a ser uma cousa  
Por todos chamada Amor.

81

Em quanto não rompe a aurora  
Aqui me ponho a cantar,  
Para ver se posso alguma  
Das trez irmãs alcançar.

82

A mais nova 'inda é pequen  
A maior passa da edade,

Porisso quero a do meio  
Se fôr da sua vontade.

83

Trigueirinha engracada  
Assim se quer a mulher,  
Delgadinha da cintura  
Como o rabo da colher.

84

O meu capote redondo  
Solteiro te eide romper  
O meu amor è pequeno  
Hei-de deixal-o crescer.

85

O' irmã das açocenas  
Porque me não vens fallar  
Se as estrellas te adoram  
Tambem en te ei-de adorar.

86

A mulher pediu a Deus  
Tres cousas para agradar:  
Boa perna, bom cabello  
E lindos olhos para amar.

87



As velhas são maravalhas  
Quem as deitara n'um poço,  
As moças novas são joias  
Quem nas trouxera ao pescoço.

88

Tu chamas-te-me morena,  
Bem o sei, mas tenho graça,  
Tambem a pimenta é negra  
E mais vende-se na praça.

89

Rapariga tu és varia  
Reprime o meu pensamento  
Olhe que amor de homem  
Dura muito pouco tempo.

90

Anda cá o Amor de outro  
Já que meu não podes ser  
Pois a culpa não é minha  
Mulher que lhe hei de eu fazer.

91

Aqui tens meu coração  
E a chave para o abrir  
Não tenho mais que te dar  
Nem tu mais que lhe pedir.

Fui á fonte para te ver  
Ao rio para te fallar  
Nem na fonte nem no rio  
Nunca te pôde encontrar.

Amor firme como eu  
Tu não encontras não, não,  
Ainda que corras o mundo  
C'uma candeia na mão.

O A é a pŕimeira letra  
Que se põe no abecê  
Quem quer bem trata por tu  
E não por vocemecê.

Eu já me senti morrer,  
Achei o morrer tão doce,  
Mil vezes a vida d'esse  
Se o morrer sempre assim fosse.

O amor que tanto amei  
Esqueceu o juramento

Como o río esquece a rosa  
Que retrata n'um momento.

97

Por te amar deixei Deus  
Confesso que me perdi  
Agora vejo-me só,  
Sem Deus, sem amor, sem ti.

98

Olhos azuis não tem graça  
Olhos pretos graça tem,  
Os olhos do meu Amor  
São pretos ficam-lhe bem.

99

Dentro do meu coração  
Mais pena nenhuma cabe,  
Alguém ha que sabe algumas  
Mas outras só Deus as sabe.

100

Se tu me quizeres dar  
O que eu te quero pedir,  
Já se vê que tu não queres,  
Mas não custa nada ouvir.

101

Dizes que me queres muito  
E que por mim tens paixão,  
Mas não tiras o espinho  
Que tenho no coração.

102

No jardim dos meus amores  
Trabalhei um anno inteiro,  
Mas um mais adiantado  
Comeu o fructo primeiro.

103

Guardo fechado no peito,  
Qual prenda d'alto valor,  
A carta que me escreveste  
Em que me juras amor.

104

O meu amor prometeu me  
De nunca mais me deixar,  
E eu jurei ser sempre d'elle  
Em quanto me não trocar.

105

Que linda caçada tens  
Arrojado caçador,  
Que em vez de pennas de aves  
Só trazes penas d'amor.

106

Papagaio penna verde  
Não venhas ao meu jardim;  
Todas as penas se acabam  
Só as minhas não tem fim.

107

Gosto, prazer e alegria  
Em penas se transformou;  
O tempo de eu ser feliz  
Tão depressa se acabou...

108

Eu ouvi dizer um dia  
A quem não sabe mentir;  
Que o meu querido amor  
Em breve me ia fugir.

109

Fui á fonte dos amores,  
Passei pela dos cuidados,  
Enchi o cantaro de rosas;  
Fiz a rodilha de cravos.

110

Olhos pretos, roubadores,  
Porque vós não confessaeis  
Das mortes que tendes feito  
Dos corações que roubaes?

111

Meu amor se te encontrares  
No tribunal das formosas,  
Agarra-te ás moreninas  
Que as brancas são enganosas

112

Tenho um vestido de pennas  
Não m'o fez o alfaiate,  
Fil-o eu, eu o talhei,  
E' bem que a pena me mate.

113

Tenho o meu coração negro  
Como a tinta de escrever,  
Como a mesma tinta o traga  
Quem assim m'o faz trazer.

114

Olhos negros são ciumes,  
Os meus olhos negros são;  
Tenho ciumes nos olhos  
Firmeza no coração.

115

Se tu queres, eu tambem quero,  
Amor porque esperamos?  
Eu espero pela edade  
Inda me faltam dous annos.

116

Estas meninas d'agora  
Só se sabem *bem* pintar,  
Para andar pelas janellas,  
Todo o dia a namorar.

117

À porta do meu amor  
Está uma silva no chão,  
Todos passam, ficam soltos,  
Só eu fiquei na pri ão.

118

Se eu cair dá-me os teus braços,  
Ampara-me anjo de Deus,  
Talvez recupere a vida  
Caindo nos braços teus.

119

Passar montes, passar valles,  
Nem por ti nem por ninguem;  
Que eu se cair n'um vallado  
Morro sem saber por quem.

120

Os olhos do meu amor  
São verdes cõr do loureiro,  
Allumiam toda a noite  
Como o luar de Janeiro.

Olhos pretos são fidalgos,  
Os azues são lisongeiros,  
Os olhos côn de castanho  
São leaes, são verdadeiro

Queres saber se te amo?  
Pergunta ao meu oração,  
Não pergunes a ninguem,  
Os meus olhos t'o dirão.

Não me metta a mão no seio,  
De longe diga o que quer;  
O senhor não perde, que é homem,  
Perco eu que sou mulher.

O' minha antiga alegria  
Não me faças soffrer mais,  
Se tens de voltar um dia  
Não tardes, finda meus ais.

Hontem a minha adorada  
Mandou-me um ramo d'amores,  
Que se transformou em balsamo  
P'ra mitigar minhas dôres.

—50—

126

Ah! a inveja aborrecida,  
Mais praguejada que a sorte,  
Mais odiada que a morte  
Mais importuna que a vida!

127

Sobrancelhas como as tuas  
E' impossivel havel-as!  
São laços de fita preta  
Com que se prendem estrellas.

128

Ó teu riso é o perfume,  
E a tua boca uma flôr,  
Que me falla ao coração  
Com pa'avrinhas d'amor.

129

Quando chegas á janella  
Para me ver, deshumana,  
Meu coração fica em festa  
Durante toda a semana.

130

Façamos, meu bem, as pazes  
Como foi da outra vez;  
Quem ama sempre perdôa  
Uma, duas, até trez,

131

Quero tudo o que quizeres,  
O' prenda da minhá vida,  
Mas não entendas d'amor  
Ou singes desentendida.

132

Um dia a espuma do mar  
Ao vêr teu rosto á flôr,  
Disse baixinho á praia;  
A Venus mudou de côr.

133

Meus olhos são como a noite  
Em que astro algum fluctua,  
Mas se o teu olhar os fita  
Na noite desponta a lua.

134

Os olhos da tua cara  
Minha cara de romã,  
Tão bonitos são de noite  
Como são pela manhã.

135

Eu passo as noites velando  
Ao pensar no nosso amor;  
Acceita estes suspiros  
Retratando minha dôr,

136

Meu amor se te disserem  
Que eu a dormir suspirei,  
Quem t' o disse não mentiu,  
Que eu alguns suspiros dei.

137

Que valor tem as estrellas,  
Esses diamantes de Deus,  
Se lhe falta a vida, essa alma  
Que falla nos olhos teus?

138

Podem sumir-se as estrellas  
Cessar do sol o fulgor,  
Basta me a luz dos teus olhos,  
Sendo maior pelo calor.

139

Já lá vem o sol na barca  
Regando o pé á tulipa,  
Isto de quem tem amores,  
Qualquer cousa o mortifica.

140

Oh! que sorte tão cruel,  
Tão negra, tão avultada!  
Eu tenho-me ha tanto tempo  
Ausente da minha amada.

141

Adeus seductora fada,  
Adeus leda mariposa,  
Vou partir bem descuidosa  
P'ra minha final morada.

142

Eu amote, e este amor,  
Tras-me triste o coração,  
Tem em si maior calor  
Que a lava d'um vulcão.

143

O dever manda que partas,  
O coração quer reter-te,  
E' a alma quem dá as cartas...  
Vae, mas volta, quero vêr-te.

144

As dores que me consomem  
Ninguem, ninguem ás conhece,  
Com lagrimas nasce o homem  
Com ellas á terra desce.

145

Lagrimas, balsamo santo,  
Oh! vinde, vinde, correi;  
Sulcae-me a face no pranto  
À minha dôr refrigerei,

—54—

146

Quando alta noite medito  
Ante as agruras da sorte,  
Penso em Deus, no Infinito,  
Que busco p'ra guia e norte.

147

A nossa troca de flores  
Disse tanto, minha querida!  
Mitiga-me os díssabores,  
Alenta-me, dá-me vida.

148

O' meu amor, meu amor  
Quando me has de esquecer?  
Quando eu não tiver falla  
Nem olhos para te ver,

149

Já lá vae o lindo tempo  
De me rir, de gracejar,  
O meu amar de cantigas  
O meu modo de cantar.

150

Venho pedir-te perdão  
Não posso luctar contigo,  
O n eu maior inimigo  
E' o meu proprio coração.

151

Aquella menina cuida  
Que não ha outra no mundo,  
Não é um poço tão alto  
Que se lhe não chegue ao fundo,

152

O homem quando embarca  
Deve resar uma vez,  
Duas, quando vae p'ra guerra  
E quando se casar, trez.

153

Tu tens da rosa a candura,  
O gracejo da alvorada;  
A falla com que me prendes  
O frescor da madrugada.

154

Parto, mas levo na mente  
A tua celeste imagem  
Dentro d'alma te hei-de ver,  
Em toda e qualquer paragem.

155

Que attracção, que sympathia,  
Minha alma triste sorri,  
E solta, qual cotovia,  
Eu canto d'amor por ti,

156

Nem a rosa da roseira,  
Nem outra qualquer flor,  
Nem a primavera inteira  
Vale mais que o meu amor,

157

Esta minha rouquidão,  
Não é de comer azedo,  
E' de fallar ao amor  
Pela manhã muito cedo,

158

Eu hei-de ir p'ra um altinho,  
Debaixo não vejo bem,  
Quero ver se o meu amor  
Dá paleio a mais alguém,

159

Tu eras a que dizias  
Que eras firme no amar,  
Mas qs teus bellos carinhos  
Não são para me enganar,

160

Coração que andas liberto  
Veste-te agora de luto,  
Já que agora o quizeste,  
Paga agora o teu tributo,

A lua é meiga e saudosa  
Dá quentes beijos á flor,  
Dá me uma esmola d'amor  
Mas de marfim tão formosa,

Teus olhos negros, rasgados,  
Exprimem vaga doçura,  
Que vêo de estranha amargura  
Pôz os teus olhos toldados?

Vou dizer-vos um segredo,  
Que tenho de ha muito gaardado,  
Eu para amar achei cedo,  
Tarde para ser amado.

Vivo saudoso e triste  
Por não poder ver teu rosto,  
Em mim o prazer é gosto  
Ha muito que não presiste.

Hoje em dia as raparigas  
Ainda não sabem fallar,  
Mas já sabem as cantigas  
Precisas p'ra namorar.

Sobre a campa que guardar  
O meu pobre coração  
Vae, meu amor desfolhar,  
Os goivos da solidão.

Trigueirinha, foge, foge,  
Vê que eu n o sou trovador  
Eu sou philosopho, ouviste!?  
Eu não entendo d'amor.

Vae por esses campos fóra  
Em procura d'alegria,  
Não te descuides de mais  
Que bem pouco rende o dia,

Eu não gosto nem brincando  
Dizer adeus a ninguem;  
Quem parte leva saudade,  
Quem fica saudades tem.

Quem inventou a partida  
Não conhecia o amor;  
Quem parte, fica sem vida,  
Quem fica, morre de dôr.

Salta o louro os teus cabellos  
Da cõr do mais fino oiro,  
Essas tranças, meu amor,  
Valem p'ra mim um thesoiro.

Vae enfeitar as bonécas  
Em quanto trepo aos ninhos,  
Esta vida são douis dias,  
Vamos gosar os carinhos.

Meu coração coitadinho  
Já não pode soffrer mais;  
De noite passa a chorar,  
De dia vive a dar ais.

Não quizeste ser perpetua,  
Sendo eu amor perfeito,  
Quizeste ser malmequer,  
Martyrio d'este meu peito.

Eu hei-de amar o valverde  
Em quanto tiver verdura,  
Hei-de amar quem eu quizer,  
Inda não fiz escriptura.

176

Menina dê-me o seu lenço,  
Eu quero chorar sobre elle,  
Já que não tenho a ventura  
De lograr a dona d'elle.

177

Basta, para castigar-te  
Tocares no que eu toquei;  
Vou lembrar-te que esses gosos  
São restos que eu já gosei.

178

Se vires a mulher perdida  
Não lhe descubras o veu,  
Olha que ella já foi pura  
Como as estrelas do céu.

179

Tu atiraste ao meu peito  
A' parte mais delicada,  
Quem ao meu peito atira  
Pouco bem me quer ou nada.

180

Se vires a mulher mundana  
Não a trates com desdem,  
Porque Deus quando castiga  
Não diz quando nem a quem.

—61—

181

Meu amor, por caridade,  
Perde um dia e vem-me ver;  
Cartas para mim não valem,  
Não valem, que eu não sei ler.

182

Tens o cravo, tens a rosa,  
Tens a dhalia, tens o lyrio;  
Tambem tens amores perfeitos,  
A saudade e o martyrio.

183

Dizes que não tenho cama,  
Que durmo na terra fria,  
Tenho cama, tenho roupa,  
Só me falta companhia.

184

P'ra que servem as esquinas.  
Inclinadas ao luar  
Se eu não heide descobrir  
Dous n'amoros a fallar?

185

Quem te deu a fita verde  
O seu amor tambem dera;  
A fita verde é esperança  
Quem t'a deu por ti espera.

—62—

186

Tu deixavas-me colher  
As mais mimosas flores,  
Quando eu era jardineiro  
No campo dos teus amores.

187

A mulher é como sphinge  
Com ais parece uma pomba,  
A's vezes, sorrindo, finge;  
A's vezes, chorando, zomba.

188

Quanto mais tu me mal tratas  
Mais augmenta o meu carinho,  
Tambem se pizam as uvas  
E pagam a offensa com o vinho.

189

Eu não gosto das mulheres  
Da terra das bananeires,  
São vaidosas, exigentes,  
E ainda mais—chocalheiras.

90

Está noite chove, chove  
Uma chuva miudinha,  
Se chover na tua cama  
Vem-te recolher na minha.

191

A mulher engana e mata  
Quando se põe a chorar,  
Homem pobre sem dinheiro  
Remedio não pode dar.

192

O' janella, ó janella,  
Janellinha do meu bem;  
Fallo, ninguem me responde,  
Olho não vejo ninguem.

193

No cemiterio da aldeia,  
Numa pobre sepultura  
Lá se vae a enterrar  
Rosa branca, sempre pura.

194

Do meu amor não desisto  
Chamem-lhe embora peccado,  
Por grande culpa que seja  
Nunca hei-de ser perdoado

195

Nunca hei-de ser perdoado,  
Tenho o castigo merecido,  
Não tem perdão o peccado  
Que não é arrependido.

—64—

196

Tossiste quando eu passei  
Ó minha linda açucena,  
Julguei que estavas doente  
E tive então tanta pena.

197

Tenho jurado esquecer-te  
Quinhentas vezes seguras,  
Mas em te vendo não posso  
Lembrar-me das minhas juras.

198

Não tornes a ir ao monte,  
Volta as costas ao caminho,  
Porque a pomba a quem amas,  
Já fugiu, deixou o ninho.

199

Tens-me preso sem vontade,  
Tiraste-me o entendimento,  
Leva tambem a memoria  
Que só me causa tormento.

200

Em tudo que o amor promette  
Não ha gloria verdadeira;  
Quanto n'elle encontrei já  
Foi só fumo, foi poeira.

201

E's prata, prata lavrada,  
E's do oiro a fina espuma.  
E's rosa, rosa encarnada,  
Não ha falta em ti nenhuma.

202

Se o muito amor é delicto  
Venha um juiz que me prenda,  
Abra as portas da cadeia  
Que não quero ter emenda.

203

Quizera ser o sepulchro  
Onde has de ser enterrada,  
Para ter-te eternamente  
Nos meus braços apertada.

204

Primeiro que se separem  
Os nossos doux corações,  
Hão-de dar as oliveiras  
Cachos de uvas e limões.

205

Diga o mundo o que disser,  
Falle o mundo o que fallar,  
Em nós ambos nos amando  
Quem nos pode separar?

206

Em frente do sol que nasce  
Tem o meu amor a cama...  
Sae o sol.....e logo a accorda,  
Sae a lua e logo a chama.

207

Se me encontrares cadaver  
De noite, á porta da ermida,  
Nem sequer teu pé me toque  
Que posso voltar á vida.

208

As noites p'ra serem bellas  
Precisam milhões de soes,  
A ti, negra como a noite,  
Apenas te bastam dois.

209

Uma só cousa eu desejo  
E tenho razão de esperar;  
Que não ha-de o teu amor,  
Esquecer nem acabar.

210

D'antes, quando me querias,  
Meu lindo botão de rosa,  
Não vias no mundo outra,  
Outra do que eu mais formosa.

211

Outra que tu, mais formosa,  
Entre todas as mulheres;  
O mesmo succede agora  
Agora que não me queres.

212

Queria ser como a hera  
Pela parede a subir,  
Para chegar á janella  
Do teu quarto de dormir.

213

Eu agarro me ás raizes  
Porque se prendem no chão,  
Com as folhas pode o vento.  
Ou me segura ou não.

214

Eu sou ás vezes recebido  
Como exige a paixão cega,  
Outras vezes muda o vento,  
Tudo tudo se me nega.

215

Que triste estaria o sol  
Quando tu nasceste, amor,  
Por ver que outro sol nascia  
Com muito mais explendor.

216

Primeiro que eu te esqueça  
Podes, crel-o, meu amor.  
Ha-de o sol dar frio ao mundo  
E a lua dar-lhe calor.

217

Tu dizes que as penas me matam  
Eu digo que tal não hà,  
Porque se as penas matassem  
Estava eu morto já.

218

Quando se apaga a fogueira  
Nas cinzas fica o calor,  
Ainda que ausente estejas  
No coração está o amor.

219

Do gosto nasce o desgosto,  
Como vem da flor o fructo,  
Dês que me morreu o amor  
A gala troquei por luto.

220

Não me lances com rancor  
Esse olhar azul celeste,  
Porque n'elle vejo sempre  
O mau pago que me deste.

221

Amei-te, tu bem o sabes,  
Tu bem sabes que te amei,  
Perder tempo e socego  
Foi o lucro que eu tirei.

222

Vem ó morte do meu pranto,  
Não receies, podes vir,  
Choro nos braços da vida  
E nós teus me hei-de rir.

223

Se te amo, tenho guerra,  
Se te deixo, tenho dor;  
Eu antes quero ter guerra  
Do que te deixar, amor.

224

O meu coração é vidro,  
E' vidro na tua mão;  
Se te queres vingar d'elle  
Deixa-m'o cair no chão.

225

Já te mandei um raminho  
Com tres amores, que é luto,  
Todos elles vão dizendo:  
Meu amor auero-te muito.

226

As tristezas que se cantam  
São as mais tristes de ouvir,  
Porque se cantam chorando,  
Mas sem o pranto cair.

227

Diz o mundo: que burrico  
Se o pobre hesita um momento!  
Mas se o rico disparata...  
Sublime pensamento!

228

Nem comtigo, nem sem ti  
Tem remedio o pesar meu;  
Comtigo, porque me matas,  
Sem ti, porque me morreu.

229

Manda o diabo no inferno,  
Manda Deus no ceu inteiro,  
E na terra e em toda a parte  
Só quem manda é o dinheiro.

230

Basta um ventinho ligeiro  
Para as nuvens dissipar,  
Assim desmancha o prazer  
Um tolo posto a palrar.

Se fores á minha cova  
Põe-lhe em cima um pé e diz:  
Fui que o matei d'amor,  
Que desgraçado o fiz!

Quando vaes domingo á missa  
Ouvir a missa *maiore*,  
Não ha santo, por mais santo,  
Que do altar te não namore.

Primeiro fiz Deus o homem  
E a mulher em seguimento,  
Primeiro se fez a torre  
E depois... o catavento.

Tanto rigor, tanto medo,  
Confesso que nunca vi;  
Não fazes senão negar me  
Aquillo que eu não pedi.

A neve que cae na terra  
Esfria tudo em redor.  
Quem se afoita amar as brancas  
Que da neve tem a cõr?

Tens todo o meu coração  
No teu poder inteirinho;  
Olha com amor por elle,  
Trata-o com todo o carinho.

Hei-de amar-te, amar-te sempre  
Por mais que me mortifique,  
Que um homem lançado ao mar  
É' barco deitado a pique.

Quem dous ama ao mesmo tempo  
Tem talento de mão cheia;  
Inda que uma luz se apague  
Nunca fica sem candeia.

Fechado está o convento  
Suas grades ólho e miro;  
Está n'elle fechada a pomba,  
A pomba por quem suspiro.

Ao melhor dos teus amigos  
Não vás segredos contar,  
Què os voltará contra ti,  
Quando a amizade findar.

241

Eu já te fiz uma offensa;  
Confesso que me esqueci,  
Um momento, um só momento,  
Do teu amor e de ti.

242

Assim a paixão entendo  
De dous que vivem amando,  
O homem, jura mentindo;  
A mulher, mente jurando.

243

Em combates de bons tempos,  
Vencedor e não vencido,  
Nunca cerquei uma praça  
Que não se tenho rendido.

244

Amei e fiz juramento  
De nunca mais te deixar,  
Mas o teu coração ingrato  
Fez minha jura quebrar.

245

Amorsinho não despreses  
O pobre por nada ter,  
Bem pode o rico deixar-te  
E o pobre não te querer.

246

O amor enquanto é novo  
Ama com todo o cuidado,  
Desde que vae para velho  
Faz papel de enfadado.

247

Rapariga tu és tola,  
Eu bem te desenganei;  
Disse-te que era casado,  
Agora que te farei?

248

Toda a minha alma queimei  
No fogo dos olhos teus;  
Não sabes quanto te amo,  
O' anjo dos sonhos meus.

249

As flôres da madrugada  
Serão estrellas do dia,  
Os teus olhos meu amor  
São o sol que me alumia.

250

Eu gosto de ver, vaidoso,  
Castigado o teu desdem,  
Se um dia me despresaste  
Despreso-te hoje também.

—75—

251

Passei pela tua porta  
Vi o que estavas fazendo,  
Estavas a fallar com outro;  
E' mundo, vamos vivendo

252

Se a tua alma meu amor  
Fosse feitade bondade,  
Despresavas as intrigas,  
Davas-me a tua amizade.

253

Por te amar, deixei a Deus,  
Confesso que me perdi;  
Agora vejo-me só;  
Sem Deus, sem amor, sem ti.

254

Olhos azues não têm graça  
Olhos pretos graça tem,  
Os olhos do meu amor  
São pretos, ficam-lhe bem.

255

Se tu me quizeres dar  
O que eu te quero pedir...  
Já se vê que tu não queres,  
Mas não custa nada ouvir.

Fui ao jardim das flores,  
Colhi uma só açucena;  
Colhi-a com tanto gosto,  
Deixei-a com tanta pena.

Fui ao jardim das flores,  
Colhi só a do outono,  
Desgraçado de quem ama  
Um amor que já tem dono.

Fui ao jardim passear  
Para espalhar minha dôr,  
Encontrei o teu retrato  
Na mais mimosa flôr.

O' minha pomba fagueira,  
Não te deixes agarrar,  
Que depois de estares presa  
Ninguem te vae lá soltar.

As telhas do teu telhado,  
As pedrinhas do meu muro,  
E' que te podem dizer  
Quantas vezes te procuro.

261

Por tua causa deixei  
Os meus antigos amores;  
Agora em vez de carinhos  
Só me dás penas e dores.

262

Os meus olhos são mais pretos  
Do que a côr da verde-rama,  
Ainda que pequeninhos  
São leaes a quem os ama.

263

O' olhos porque choraes;  
Que tendes que estaes tão tristes  
Se choraes por quem não vedes?  
Alegraivos que já vistes.

264

O' olhos porque choraes?  
Se a paixão fica no peito,  
Chorar por quem não é firme  
São lagrimas sem proveito.

265

O meu coração é leal  
Para toda a creatura;  
Se fosse um pouco mais falso  
Teria melhor ventura.

Ha quem diz que a saudade  
Não nasce no coração;  
Quem do amor vive ausente,  
Verá se chega, se não.

Olhos pretos roubadores,  
Olhos pretos exquisitos,  
Os teus olhos meu amor  
São pretos, são mais bonitos.

Coração que a muitos ama  
E que não quer amar só um;  
Por mais que tente fingir  
Não tem amor a nenhum.

Bem pensei que eras firme  
Com bastante fortaleza;  
Por fim vi que eras mulher...  
Por tanto não tens firmesa.

O meu bem tem lindo modo,  
Tem graça, tem formosura;  
Tambem não é para mim,  
Não quero tanta ventura.

—79—

271

Eu ausento-me, mas deixo-te  
Meu coração de penhor,  
Faz-me tu a mesma offerta,  
Não te esqueças, meu amor.

272

O amor que me juraste  
Bem cedo o vi acabar,  
Foi fumo de labareda  
Que já se desfez no ar.

273

As telhas do teu telhado  
São vermelhas, tem virtude  
Eu venho d'aqui tão longe,  
Saber da tua saude.

274

Não te amo por um dia  
Nem por uma só semana,  
Amo-te por toda a vida,  
Ou o coração me engana.

275

Firmesa e muita cautella  
Quero, amor, que tenhaes;  
Firmesa para commigo,  
Cautella p'ra com os mais.

— 80 —

276

Quando não te conhecia,  
Ternos prazeres respirava,  
Quando vi tea lindo rosto  
Perdi a paz que lograva.

277

O meu peito está fechado,  
As chaves tem-nas meu pae,  
Quem está de fora, entra,  
Quem está dentro, não sae.

278

Amar e viver ausente  
Só em mim se pode achar,  
Quanto mais ausente vivo  
Mais te desejo lograr.

279

Eu brando e tu cruel,  
Tu ingrata e eu amante;  
Eu firme e tu desleal,  
Tu mudavel e eu constante.

280

O meu coração é teu  
E o teu de quem será?  
Tu dizes que o teu é firme,  
Firme como o meu não ha.

—81—

281

Quanto mais firme te adoro,  
Mais engano em ti vejo;  
Tu morres por me matár,  
Eu dar-te a vida desejo.

282

Está a chegar o tempo triste  
De se apartar corações,  
Mas os nossos não se apartam  
Que estão presos com grilhões.

283

Ouço murmurar as aguas,  
Os roucos mochos gemer,  
Só descânço em quanto durmo,  
Eis aqui o meu viver.

284

No deserto solitario  
Onde a desgraça me tem,  
Falló ninguem me responde;  
Olho, não vejo ninguem.

285

Meus suspiros vão contigo  
Para a tua companhia,  
Estima-os, que elles são filhos  
Da minha melancolia.

Diga-me uma cantiguinha  
D'aquellas que você sabe,  
Que as minhas estão de gaveta  
E não lhe encontro a chave.

Quem me fôra linho fino  
Que eu fizera linda renda,  
Para andar n'esse teu peito  
Como joia de encommenda.

Debaixo da oliveira  
Nem chove nem faz orvalho,  
Menina se quer ser minha,  
Não me deia mais trabalho.

Não censureis eu querer-te;  
Torna culpa aos teus agrados,  
Quando eu deixar de ver-te  
Deixarei de ter cuidados.

Pensamento não me Iembres  
Quem eu agora não vejo,  
Ou me tira do sentido,  
Ou me cumpre o desejo.

291

Não ha setta mais aguda  
Nem penas mais penetrantes,  
Do que são as saudades  
Entre dous firmes amantes.

292

Menina dos olhos pretos,  
Cabello da mesma côr,  
Diga a seu pae que a case  
Que eu serei o seu amor.

293

Eu sou abrigo do pranto  
E o espelho da verdade;  
Para ti sirvo de aceno  
Dando provas d'amisade.

294

Quem tiver dous corações  
Dê-me um que bem o emprega  
Que eu tinha um só e deio  
A quem agora m'o nega.

295

Ha tres dias que não como  
Senão lagrimas com pão,  
Isto são os alimentos  
Que os meus amores me dão.

296

O sol prometteu á lua  
Uma fita de mil cores,  
Quando a lua promette  
Que fará quem tem amores.

297

Se eu tivesse a liberdade  
Que tem o panno de linho,  
Andava n'esse teu peito  
Servindo de collarinho.

298

Depois que certa morena  
Me deixou de querer bem,  
Não quero que alguem me queira,  
Não quero querer ninguem.

299

O crime que eu commetti  
Fui muito punido já;  
Castigou-me no teu desreso,  
Maior castigo não ha.

300

Os olhos do meu amor  
São duas bichinhas vivas,  
Entram no meu coração,  
Mordem e não fazem ferida.

301

O inferno não se fez  
Para produzir espias,  
Fez-se p'ra aquelles ingratos  
Que enganam as raparigas.

302

O meu coração queria  
Das duas que ali vão,  
Mas a mais velha tem dono  
A mais nova não m'a dão.

303

Tu amas quem te aborrece,  
Despresa quem honras tem;  
E's inconstante e ingrata  
P'ra aquelle que te quer bem.

304

O cravo caiu do ceu,  
Quebrou o pé, ficou coxo,  
A rosa com sentimento  
Toda se vestiu de roxo.

305

O cravo tem vinte folhas,  
Eu bem sei quem lh'as contou,  
Se alguma cousa me queres  
Falla-me que eu aqui estou.

— 86 —

306

Queria que me dissessem  
Onde é que a paixão aumenta:  
Se no coração de quem fica,  
Se na alma de quem se ausenta.

307

N'esta carta deposito  
Lagrimas que tanto choro  
Por não ver n'este momento  
Um bem que tanto adoro.

308

As telhas do teu telhado,  
As rosas do teu balcão,  
E' que te podem contar  
Se te quero bem ou não.

309

Recebe o meu coração,  
Recebe-o que elle é perfeito,  
E' leal e é constante,  
Merece ir para o teu peito.

310

Foste-me trocar por outro,  
Olha o que foste fazer!  
Considera, meu amor,  
Que te has-de arrepender.

311

Tu cuidas que por me rir  
Que já me tinhas na mão?  
Eu não sou tão rabaceira  
Que coma a fructa do chão.

312

Ingrata, falsa, traidora,  
Já te não posso ver mais,  
Já que tão ingrata foste  
Ao mais firme dos mortaes.

313

Eu fui ao teu coração,  
Bem pudera lá eu ir;  
A chave correu, deu volta,  
Não pude de lá sair.

314

Não ha tintas pelas lojas  
Nem papel pelos conventos,  
Nem ave que tome as penas  
Que te escreve o sentimento.

315

Ingrato, permita o céu  
Que eu inda te chegue a ver  
No açougue como os bois  
Aos arrateis a vender.

316

Meu amor casa commigo,  
Não tenhas medo á fome,  
Que meu pae tem uma quinta  
Que sustenta quem não come.

317

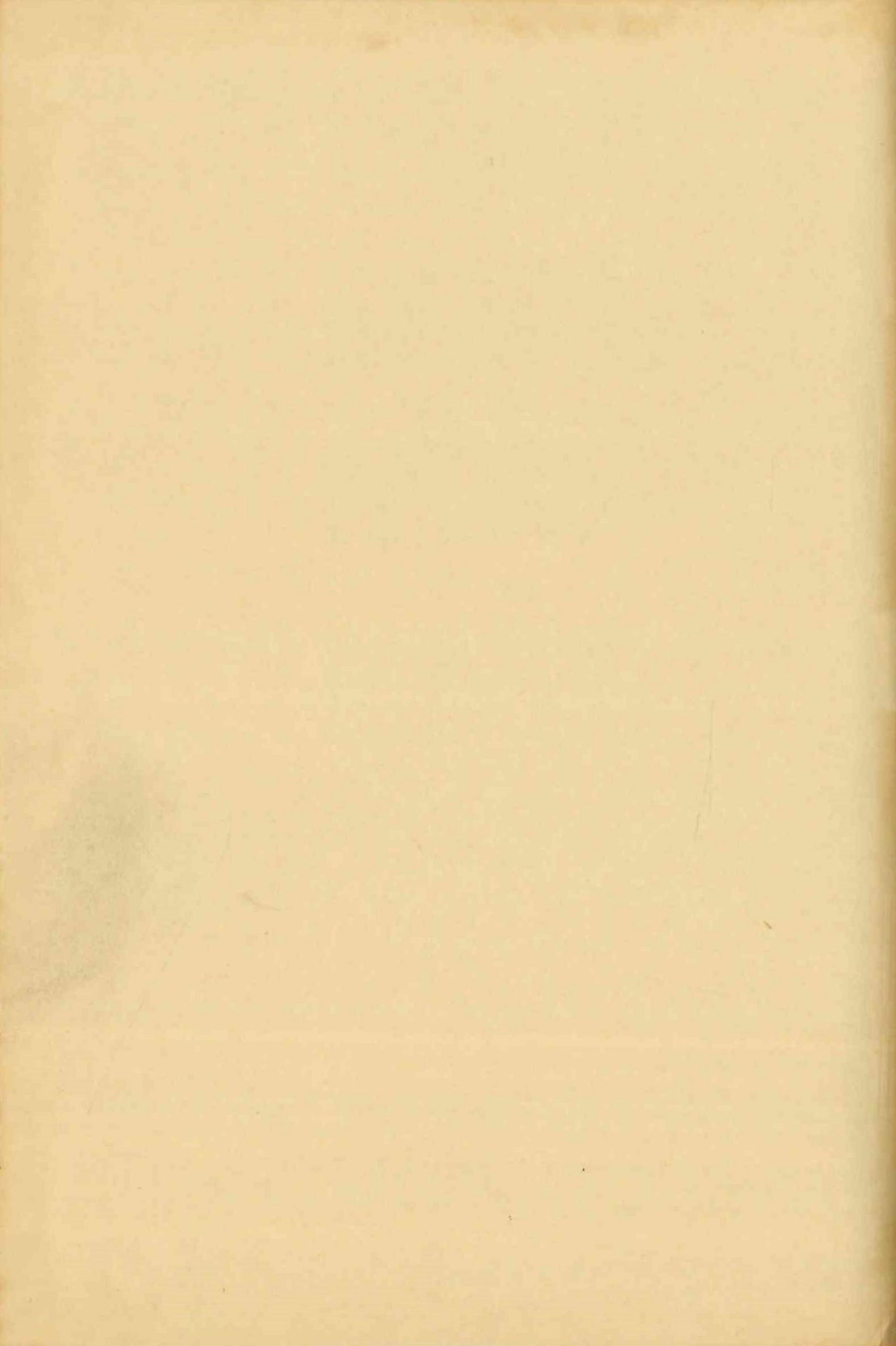
Vivo pesaroso e triste,  
Suspirando, dando ais,  
Porque não sei, meu amor,  
Se por outro me trocaes.

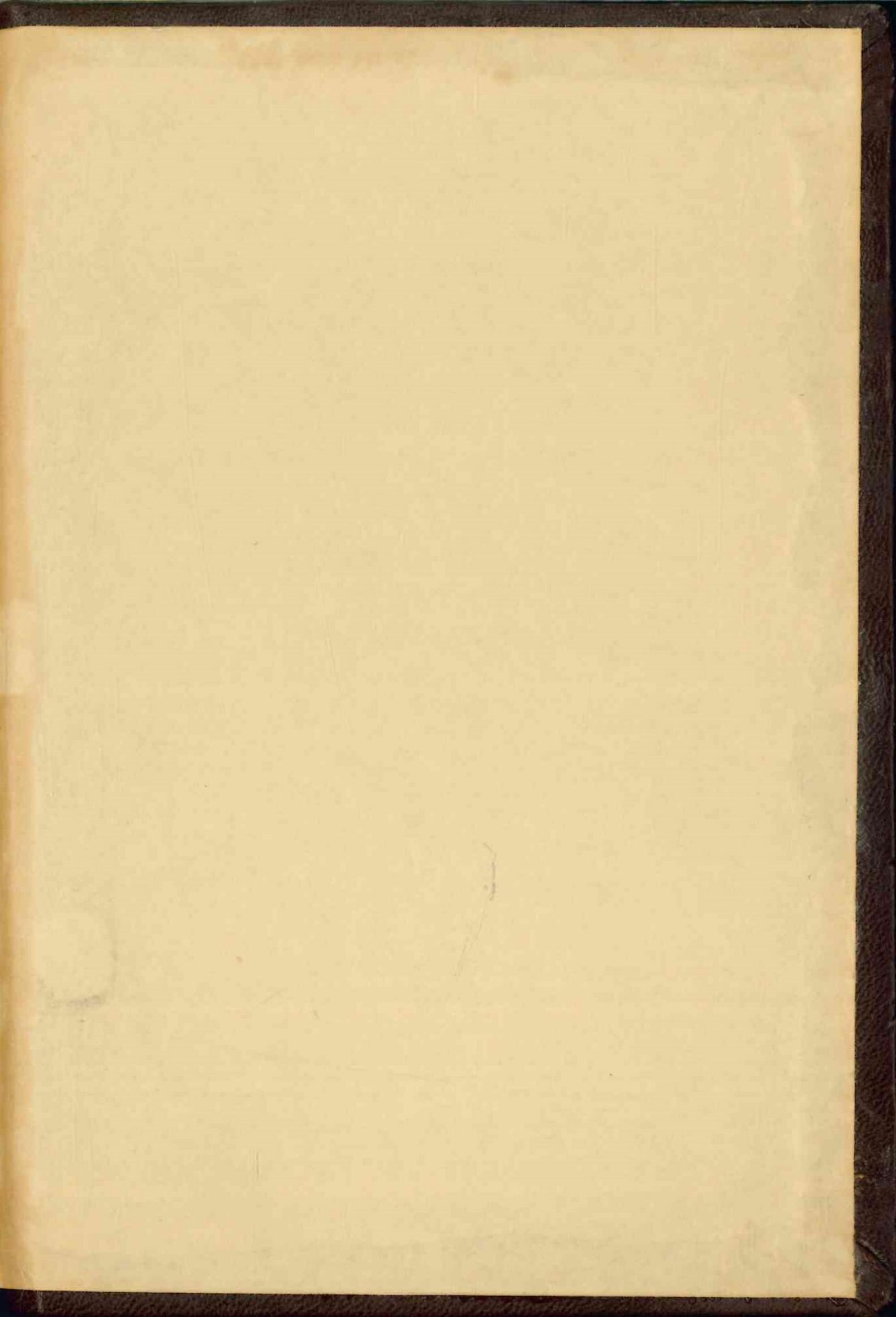
318

Queres saber se te amo,  
Repara meus olhos bem,  
Porque os olhos são signaes  
Da dôr que o coração tem.

FIM







biblioteca  
municipal  
barcelos



3439

Folk-Lore Ianhozense